O
TIO DAMIÃO
POEMA LYRICO
por
J. de Lemos.

O TIO DAMIÃO

JOÃO DE LEMOS

O TIO DAMIÃO

POEMETO LYRICO

COIMBRA
EDITOR—José Mesquita

A

MINHA FILHA

MARIA CARLOTA

Pobre florinha do campo,
Sem perfume e a cor murchada,
Colhida no fim da estrada,
É florinha sem valor;
Mas aos teus olhos, querida,
Não póde ficar perdida,
Por que é lembrança d'amor.

DUAS PALAVRAS PREAMBULARES

A ideia d'este poemeto não me sahiu tão espontanea e completa, como Minerva da cabeça de Jupiter.

O sr. Fulbart Dumonteil publicou, em França, no passado anno, com o titulo de «Carillons de Noël», uma collecção de graciosas narrativas em prosa, que lhe foram inspiradas pela legenda do «petit Noël», e que elle, de certo modo, ligou á grande e santa festa do Natal.

D'esta collecção extrahiu uma Revista bibliophila, por amostra, recommendando o livro, a ultima narrativa, que se me offereceu, como «debuxo» e «talagarsa» para um bordado poetico.

Effetivamente, nas longas e frias noites d'este inverno, comecei o meu bordado, «a missanga»; e, ou fosse pela necessidade de encher o comprimento das noites, ou seduzido pelo pensamento de estar poetando uma historiasinha para os meus pequenos filhos, que brinca-

vam á roda de mim, o que é certo é que me esqueci a crusar fios, e o bordado veiu a sahir não só muito maior que o «debuxo», sendo que quasi todo differente.

Se nisso ganhou ou perdeu, não o sei eu; o que sei é que deixo dito, sincera e lisamente, o como nasceu e cresceu este poemeto, sem a minima ambição de maior conceito. Quando mais nada lhe possa valer, que lhe valha isto, ao menos.

Quinta d'Anta, 20 de fevereiro de 1883.

De dolor traspasado
por la más grande herida
que á un corazon ha destrozado
en la immensa batalha de la vida.

(D. Ramon de Campoamor).

O malheur d'aimer sur la terre
S'il n'était plus rien au delá!

(Madame A. Tastu).

I

Pobre velho! Pobre louco!
Lá vem elle, coitadinho!
Fala ás flores do caminho,
E ás andorinhas do ár...
A'quella, que vae voando
Mais perto, com gesto brando,
Vede-o mil beijos mandar!

A cada arvore, que encontra,
Não lhe faltam barretadas,
E se as franças agitadas
São do vento, cuida então
Que tambem lhe dão bons dias,
E eis novas cortezias
C'o barrete até ao chão.

Ás vezes, indo assentar-se
Junto á pedra levantada,
Que está á beira da estrada,
Longa pratica lhe faz;
Sabeis o que é? são historias
De bruxas e de memorias,
Que elle inda tem de rapaz.

Pobre velho! Todo em rugas,
A face, aberta e serena;
Nariz longo; tez morena;
Os olhos da côr do céu:
A fronte espaçosa e calva;
A barba encrespada e alva
Té ao peito lhe cresceu.

Pobre louco! E que bondade
No rosto, e leve sorriso!
Ha muito perdera o siso,
Mas ficou-lhe o coração;
Bom com todos; indigente,
Nunca pede; e toda a gente
Se compraz em dar-lhe pão.

Encanto dos seus visinhos,
Para todos tem agrados;
E anda sempre em recados
Sem levar nada a ninguem;
Na rota casa onde mora,
Toda a aldeia o vê de fóra;
Nem sequer porta ella tem!

D'aqui, povoada é sempre,
A esburacada casinha,
Da travêssa turbasinha
Das creanças aldeãs;
E elle a brincar com ellas,
Chama-lhes rosas, estrellas,
Chama-lhes suas irmãs.

Ora, á mestra vae da aldeia
Ter com ellas; põe-se a um canto;
Canta com ellas o canto
Da breve resa escolar;
Ora, d'uma pequenita,
O cathecismo recita,
E sahe da escola a saltar.

E diz que quer a doutrina
Saber toda com acerto,
Porque n'esta Paschoa perto
Faz primeira communhão;
E tece c'roas de espigas,
E convida as raparigas,
Para essa grande funcção.

Encanto dos seus visinhos,
Para todos tem agrados;
E anda sempre em recados
Sem levar nada a ninguem;
Na rota casa onde mora,
Toda a aldeia o vê de fóra;
Nem sequer porta ella tem!

D'aqui, povoada é sempre,
A esburacada casinha,
Da travêssa turbasinha
Das creanças aldeãs;
E elle a brincar com ellas,
Chama-lhes rosas, estrellas,
Chama-lhes suas irmãs.

Ora, á mestra vae da aldeia
Ter com ellas; põe-se a um canto;
Canta com ellas o canto
Da breve resa escolar;
Ora, d'uma pequenita,
O cathecismo recita,
E sahe da escola a saltar.

E diz que quer a doutrina
Saber toda com acerto,
Porque n'esta Paschoa perto
Faz primeira communhão;
E tece c'roas de espigas,
E convida as raparigas,
Para essa grande funcção.

Diz que é Julia, Amelia ou Anna;
Que por tal todos o tomem;
Que não é, nunca foi homem,
Senão menina gentil,
E são seus grandes deleites
De femininos enfeites
Ornar o collo senil.

Faz de menina entre as outras,
Com bonecas no terreiro;
Passa alli um dia inteiro
Ou em noites de luar;
Oh ! Faz dó, e causa enleio,
D'alvas cans um velho cheio,
Ver com bonecas brincar.

Tal era este velho louco
D'uma aldeia de saloios,
Que, entre affluentes arroios,
Da lua ao pallido alvor,
Vejo, risonha, assentada
De Lisboa sobre a entrada,
Com arvoredo ao redor.

O nome d'elle... é chamado
Tio Damião sómente;
E da aldeia sabe a gente,
Que era luz dos olhos seus
Uma filha, que perdera;
Dos seus annos primavera,
O seu Deus, depois de Deus!

Mas não me vás, despiedado,
Ó meu leitor, eu t'o peço,
Fazer agora processo
D'este amor, contra nós dois;
Se tu tens filhos, caluda;
Se os não tens, teu caso muda,
E falaremos depois.

Diz o Garrett, e é verdade,
Que para um recto juizo
É, muitas vezes, preciso
Vêr-se a gente em casos taes;
E o dictado ainda o desbanca:
«Não vemos em nós a tranca,
«Vemos o argueiro nos mais!»

E os solteiros, Ferrabrazes
C'os filhos dos seus vizinhos?
Em os tendo, perdidinhos
São, de todo, com os seus;
Façam elles desatinos,
Não lhes fallem nos meninos,
Que são anginhos dos ceus.

II

E que linda era a filhinha
Do pobre velho! Como ella
Outra creança tão bella
Em toda a aldeia não ha;
E se presos ficam todos
Da formosura e dos modos,
O feliz pae, que será?!

Não via, desde viuvo,
Outra coisa; e só vivida
Lhe era a vida d'essa vida,
Que Deus na sua choveu;
Não ha, nos dotes, que encerra,
Nem joia melhor na terra,
Nem astro melhor no ceu.

Pois já ficou assentado
Que todos, ou mais ou menos,
São doidos c'os seus pequenos,
Direi que tem Damião,
N'um só ente, ora, concretos
D'alma os suaves affectos
Que em nós espontaneos são.

E vendo o velho perdida
Da sua vida metade,
Quem lhe ha de estranhar, quem ha de
Que a busque na tenra flor?
Quem ha de ser sua estrella?
Quem ha de amar senão ella?
De quem ha de esperar amor?

Que resta d'antigos dias?
Dos dias das boas Fadas?
Quantas esp'ranças baldadas?!
Quantos castellos no ar!
Que do tempo a aza leve
Nem sequer trabalho teve
Para por terra os deitar?!

E outros mais bem fundados,
Firmados na rocha dura,
Como, ás vezes, se figura,
Que tambem jazem no pó?!
De tudo que resta hoje,
N'esta existencia, que foge,
E que á filha é presa só?!

Do seu passado que resta?
Vigor, esp'rança fagueira,
E a constante companheira,
Ai! Tudo desappar'ceu!...
Agora, tudo se encerra
Na filha, quando olha a terra,
No bom Deus, quando olha o ceu!

Oh! Quando se é triste e velho,
É tão doce e prasenteiro
Um peito por travesseiro,
Onde encostarmos as cãs!
Ter uma alma de nossa alma,
Que venha trazer-nos calma
A tantas esp'ranças vãs!

A alegria, o dia, o mundo,
Era, pois, sua Angelina.
Alguma coisa divina
Via n'ella refulgir,
Quando, tomando-a nos braços,
O captivava nos laços
D'um angelico sorrir.

Quando os dedos callejados
Passava nos fios d'ouro
De seu cabello, um thesouro
Cuidava alli ter então;
Nos olhos d'azul escuro,
Bebia alento seguro
Seu paterno coração.

Tirou d'elle taes carinhos,
Que a orfãsinha Angelina
Não soube a sorte mofina
De perder, tão cedo, mãe;
Fez, por instinctos secretos,
D'um affecto dois affectos,
Foi-lhe pae, e mãe tambem.

Era socio em seus brinquedos:
Era com ella creança;
Quer que dance? O velho dança;
Quer que cante? Eil-o a cantar;
Vem-lhe d'ella noite ou dia;
Alegre, tinha alegria;
Chorava com seu chorar.

Se só na aldeia a deixava,
Por ir dos campos á lida,
Com que aos dois ganhasse a vída,
Á volta, que beijos mil!
Que festas, de impertinencia!
Quantos cuidados da ausencia,
D'um cuidado feminil!

Levava-a da mestra á porta,
E d'alli, bem que sem queixa,
Parece que o velho deixa
O seu ser n'aquelle ser,
De tanto que se contrista;
Fica-a seguindo co'a vista,
Fica-lhe adeus a dizer.

Era de vêl-o, aos domingos,
Assomar além, á esquina,
Levando a sua Angelina,
Todo ufano pela mão,
A ouvir missa na Igreja!...
Não ha ninguem que, então, seja
Mais feliz, n'essa hora, não!

E ella toda asseiada,
Uma airosa vassourinha,
C'uma saia de lãsinha,
Que a boa madrinha deu;
E, por sobre a c'roa d'ouro
Do seu cabellinho louro,
Bordado, pequeno veu.

A madrinha, que era rica,
E toda de espalhafato,
Mandou tirar-lhe o retrato;
E, com finezas sem fim,
Esta doce imagem cara,
Ao velho pae a mandara,
Encaixilhada em marfim.

III

Fica o pae enthusiasmado
C'o retrato d'Angelina:
É esta a face divina,
É ella, é ella, aqui está!...
Diz elle, e farta desejos
Em ternos, férvidos beijos,
Que n'esse retrato dá.

Depois o retrato ageita
Em mui diversos sentidos,
Mas vê, com isso perdidos
Seus intentos—infeliz!—
Fala-lhe... ri-se... elle é mudo,
Insensivel sempre a tudo!...
«*Isto é sombra, é sombra... diz.*

«*Não era a minha Angelina*
«*De ficar assim calada,*
«*Sem sorrir, sem dizer nada*
«*Ao seu carinhoso pae!...*
«*Nem estes olhos tem vida...*
«*Nem vida a face florida...*
«*Não. És sombra... és sombra... vae...*

E longe o retrato arroja,
E parte, e sae pensativo...
Cuidava transumpto vivo
Que teria achado alli...
Mas vendo o engano diz: «*Filha*,
«*Não ha outra maravilha*,
«*Não ha outra egual a ti!*»

Na verdade, razão tinha
A cega affeição do velho;
Este pae, de paes espelho,
Tinha, por certo, razão.
Seja embora aos olhos grato,
Para quem ama, um retrato
Não passa d'uma illusão.

É falsa, ligeira imagem,
Inda que seja formosa;
É como sombra de rosa
D'um lago sobre o christal;
Pedi-lhe viço, perfume,
Pedi-lhe da vida o lume,
Pedi-lhe a flor do rosal!...

Uns longes vos dá sómente,
Um arremedo imperfeito
Do que vós tendes no peito,
Sem nada, nada faltar;
E melhor finge a pintura,
Mais nos faz da ausencia dura
Sentir as maguas sem par.

Mas nem todos assim pensam,
Pouco os paga. Certo moço
(E por signal que não posso
O nome aqui chocalhar)
Havia naquella aldeia,
Que a sua mais fixa ideia
Era a imagem de Guiomar.

Guiomar era uns amores
Que elle tinha, de creança;
Moça esbelta, negra trança,
Uns olhos..., trigueira tez,
Mas d'um trigueiro, que é tanto,
Ou inda maior encanto,
Do que a alvura, muita vez.

Ora, estava esta saloia
Em Lisboa por criada,
E foi sisando a soldada,
(De poucos muito se faz)
Até que pôde, de facto,
Mandar de lá seu retrato
Ao namorado rapaz.

Suppria-lhe a moça a imagem
De tal arte cada dia,
Que era a sua companhia
Nas horas que o dia tem;
Ora fallando, ora rindo,
E aquelle retrato lindo
Fallava e ria tambem...

Assim o cuidava, ao menos,
Este sincero saloio,
Que era triguinho sem joio,
Dos amantes pura flor;
Talvez um tanto maluco,
Mas a isso então retruco:
Pois d'isso tem sempre o amor.

Namorados e poetas,
Digo—inda que mal pareça—
Sempre todos da cabeça
Padecem, menos ou mais...
Torno, porem, já ao ponto,
Em que deixei o meu conto:
E era:—bem vos lembrais—

Quando Damião, zangado
Por vêr do retrato o engano,
Sahiu com seu desengano,
Lançando-o no chão sem dó;
E dizia em voz sumida:
«*Cuidei que teria vida,*
«*Mas é sombra, sombra só!*

Passado um pouco reflecte,
Crê que injusto foi primeiro;
A casa, em passo ligeiro,
Volta o tio Damião;
E com palavras d'amante,
Com amoroso semblante,
Toma o retrato na mão.

«Vem, lhe diz, vem cá, eu quero-te,
«És só reflexo, bem vejo,
«Reflexo vão do desejo,
«Que esta alma tem sempre em flor;
«És fingido gesto humano,
«És uma sombra ou engano,
«Mas sombra, engano d'amor.

«Nas horas em que da vista
«M'a tirar a adversidade,
«Enganarás a saudade,
«Que, então, vem ao peito a flux;
«És frouxo clarão mortiço;
«Mas, tambem, ao menos, n'isso,
«Verei a apartada luz!...

E no fundo da sua arca,
Onde guarda o melhor fato,
Foi lá guardar o retrato
Aquelle extremoso pae;
Quem inda, ha pouco, o despresa,
Agora, como riqueza,
Pôl-o a bom recado vae.

Ah! Ninguem lhe atire a pedra,
Que, em mudar de pensamento,
Ninguem é de culpa isento,
Nem mesmo culpa será;
Senão virtude bem rara,
D'algum santo, que adorara
O que antes queimara já!

IV

Mas des que o pobre do velho
Perdera a sua Angelina,
E co'a mesma infausta sina
O siso tambem perdeu,
Só ficou com tres amores:
Eram creanças e flores
E andorinhas do céu.

Nas creanças femininas,
Via a sua filha bella,
Nas florinhas, copias d'ella;
Nas andorinhas gentis,
A sua alma innocentinha,
Que, em fórma d'uma andorinha,
Viu ao céu voar feliz.

E na aldeia se contava
Como certa a circumstancia;
Pois, quando, na cruel ancia
De ver a filha expirar,
Olha o céu com dôr amara,
Uma andorinha passara
Pelo céu, cortando o ar!

Oh! Que asperrima tristeza,
A d'esse dia na aldeia!
Nunca de prantos mais cheia,
Nunca mais cheia de dôr;
N'essa morte desgraçada
D'Angelina, o anjo, a fada,
De todos mimosa flor!

Era de junho uma tarde;
Já o sol, além, no Poente,
Sumira seu disco ardente;
E já branda viração,
Que pelas folhas se via,
Refrescava o fim d'um dia,
D'um longo dia de v'rão.

Inda tudo era nos campos;
Mas, finda a diurna lida,
Já a enxada suspendida,
Das Trindades ao signal,
Ao hombro dos homens ia
Levar esp'rada alegria
Ao suspirado beiral.

As creanças, no terreiro,
Brincavam—jogos e danças—;
E quantas, quantas esp'ranças
Dos paes andavam alli!
Entre o bando das meninas,
Mas entre as mais pequeninas,
Angelina folga e ri.

As mulheres inda, ás portas,
Cosiam alegremente;
E' nenhuma alli presente
A desgraça, perto já...
Uma canta; outra ao seu filho
Ri-se toda, e de mais brilho,
Entre todos, o vê lá.

E quem sabe se, comsigo,
Bem empregado, o destina
Á tão formosa Angelina,
Botão de rosa entre as mais;
E pensa no gosto infindo
De juntar um par tão lindo,
De juntar uns noivos taes...

De repente desemboca
No terreiro, tresmalhado,
Bravo touro!... Grande brado
De mil brados sobe aos céus!...
Tudo é susto, tudo espanto...
Confusão, gritos, e pranto...
Ai! Senhor! Jesus! Meu Deus!

Mais afflicto em taes clamores,
O clamor das mães se ouvia
A chamar: «*José! Maria!*
«*Anna! Manuel! Joaquim!*
E outros nomes diff'rentes,
Com angustias recrescentes,
Um chamar, chamar sem fim!...

Ficou varrido o terreiro
Logo á primeira investida
Do touro; apoz a corrida,
Pára; e, ao ver-se em campo só,
Bufa; tremem-lhe as faceiras;
E co'as patas dianteiras
Enche o ar e a si de pó...

N'isto, sósinha, Angelina,
Que, por tenra, em tardo passo,
O tempo lhe fóra escasso
Á fuga, tentada em vão;
Ia agora, e quasi alcança
Dobrar a esquina a creança,
Quando o touro a vê, então...

Vêl-a, e partir direito
Sobre a triste, em linha recta,
Como se fôra uma setta;
Co'as armas deital-a ao ar;
E logo, no chão, varal-a,
Deixando-a exangue e sem fala...
Foi d'olhos abrir, fechar!

Ao mesmo tempo, certeiro
Um tiro, d'uma janella,
Derriba o touro ao pé d'ella,
De chofre, sem bulir mais:
Eis chega o pae malfadado...
Vê da filha o infando estado...
Que tristes, doridos ais!

Que arrepellar de cabellos!
Que estorcer de membros todos!
Que gritos! Que estranhos modos
De profunda, acerba dôr!
Ao lado d'ella ajoelha,
E busca em tudo centelha
De vida, sequer calor!...

Mas como inda lhe sorvesse
Nos labios tenue respiro,
Soltou intimo suspiro,
Cheio de esp'rança este pae;
A filha toma nos braços,
E, com cautellósos passos,
Caminho de casa vae...

Como elle a apertava ao peito!
Como a inundava de pranto!
Que doces nomes! «*Encanto,*
«*Anjo, amor, olha p'ra mim!...*
«*Ó meu Deus! meu Deus! Piedade!...*
Mas n'isto cruel verdade....
Sente a morta, morta, em fim!...

Foi então que viu voando
Pelo céu uma andorinha,
E dizendo: «*Filha minha,*
«*Filha minha, tambem vou...*
Os braços logo descerra,
Baqueiam ambos em terra,
Porque o velho desmaiou!...

Creram-n'o morto, e se ajunta
Alli a gente que passa,
Chorando a dupla desgraça,
D'Angelina e Damião!
Quem d'olhos ficara enxuto,
Vendo este quadro de lucto,
Que cortava o coração?!

Se não tens vasio o peito,
Se não és de pedra inerte,
Deve esta dôr commover-te,
Quem quer que sejas, leitor!
Não pungem aos pobresinhos
Menos da dôr os espinhos,
Porque a dôr é sempre dôr.

E se és pae ou mãe, notando
Esta mesma falta d'arte,
Com que venho de contar-te
A dôr do bom Damião;
Esta despida verdade,
Deve inda mais á piedade
Mover o teu coração.

Mas, se já, por infortunio,
Filho ou filha estremecida
Viste fugir-te da vida,
Ou o temeste sequer...
Oh! Então, leitor amigo,
Has de juntar-te commigo,
Has de commigo gemer!

Ai! Quando a vida vivemos
D'outra vida inteiramente,
Se ella foge de repente,
Não ha dôr como essa dôr!
Deixa a existencia partida;
Leva pedaços da vida,
Leva da vida o amor!

Como o cedro, onde, abraçada,
Por acaso, uma roseira,
Nas copas, rosa primeira
Poz, de enfeite singular,
E o tufão, com senha rara,
Do mesmo golpe, arrancara
E foi na terra tombar;

Taes jazem velho e creança,
Elle, só co'a dor prostrado,
Ella, aberto o séstro lado,
Por onde a vida perdeu;
Perdidas do rosto as côres,
Que sobre as murchadas flores
Descera da morte o véu.

Angelina é toda em sangue,
O pae, por seu negro fado,
É tambem ensanguentado,
Do sangue, que d'ella vem;
E o d'Angelina querida
E' sangue da sua vida,
Das suas veias tambem!

V

Ás vezes, na vida humana,
Que em tão breve curso passa,
É tão completa a desgraça,
As amarguras são taes,
E tão crueis, e tamanhas,
Que, ao vel-as, mesmo as entranhas
Commovem dos animaes!

D'outro tempo conservava
Inda este velho um cão preto,
D'Angelina grande affecto,
E ella d'elle tambem;
Juntos quasi todo o dia;
Nem o cão nunca se via
Ir atraz de mais ninguem.

Mettia-lhe a mão na bocca,
Puxava a lingua vermelha,
Ou lhe torcia uma orelha,
E por tudo estava o cão;
Tambem, na hora, a comida
Era entre os dois repartida,
E d'elle o maior quinhão.

Brincavam ambos, dormiam
Muitas vezes abraçados;
E que amor, quantos cuidados
D'este fagueiro animal!
Qual certo, fiel amigo,
Evitando qualquer p'rigo,
Livrando-a de qualquer mal!

Um dia, ao vel-a carpindo
Não sei que infantil desgosto,
De pranto banhado o rosto,
Sobre os joelhos do pae;
Parece gemer, e a afaga,
Lambendo-lhe, a baga e baga,
O pranto, que nas mãos cahe.

Chamava-se o cão *Diamante;*
E nem o pae d'Angelina,
Nem outro aldeão imagina,
Que o nome do cão vulgar
Já fôra d'outro, que a historia,
Só por honrar a memoria
De Newton, quiz conservar.

Que mostras de sentimento,
Quantos extremos d'amante
Não fez o fiel *Diamante*,
Quando Angelina morreu!
Era um olhar de ternura,
Era um gemer d'amargura,
Quasi humano o pezar seu!

Lambia-lhe as mãos... as faces...
E na bocca emmudecida,
Como por dar-lhe assim vida,
Dava da sua o calor...
E, vendo esforços perdidos,
Dobrava então seus gemidos,
Dobrava trances de dôr!

Não gabo o dito; mas contam,
Que esta sentença severa
Um philosopho dissera,
Sem pensamento christão,
Por isso de pouco preço:
«*Quanto os homens mais conheço,*
«*Mais aos cães tenho affeição.*»

Não gabo o dito; mas vendo
D'alguns homens a bruteza,
E os rasgos d'alta nobreza
Tambem d'alguns animaes,
Parecem trocar-se os fructos
De Deus,—os homens em brutos,
E estes em racionaes.

Oh! D'alguns cães a lembrança
Não morrerá, certamente,
Pois que a historia lhes consente
Terem lá tambem logar;
E, além da historia, a poesia
Lhe empresta sua harmonia
Para mais os recordar.

Não é este *O cão do Louvre*,
Não excita o mesmo interesse,
Que a *Delavigne* mer'cesse,
Como aquelle, igual canção.
Mas, inda com fado adverso,
Lembrarei em rude verso
Este humilde, ignoto cão.

Nem d'essa infeliz Rainha,
De que a França, em seu delirio,
Fez consummar o martyrio
Na guilhotina infernal,
É este o cão, que, entre feras,
Ficou, piedoso em taes eras,
Seguindo o carro lethal.

De seus donos a diff'rença
Lhes faz diff'rente a ventura;
D'uns a fama, que inda dura;
Do outro, lembrado só
Na minha ignorada lyra,
Que embalde talvez suspira
Sobre seu disperso pó.

Mas palacios e choupanas
Tem só diversa apparencia,
Porque têm a mesma essencia
Os homens, que moram lá;
Nem são só eguaes na morte,
Senão que, em boa, ou má sorte,
Sempre o barro appar'cerá!

Quando o cão viu Angelina
Levada do pae nos braços,
Como lhe estorvava os passos,
Cada vez latindo mais!
Assim maior desconforto
Em nós, quando amado morto
Nos levam, redobravam ais!

Depois, o enterro seguiu-lhe,
E quando a cova, que a encerra,
Tinha já batida a terra,
Dizem que, em dôr singular,
(N'alguns olhos nodoa ponha,
D'alguns olhos por vergonha)
Dizem que o viram chorar!

Deixaram todos a cova,
Amigas e companheiras,
Foram talvez as primeiras!
Ficou só o seu libreu,
Sem comida nem bebida;
Tinha-lhe a cova a sua vida,
E sobre a cova morreu!...

Ha nas povoações um homem,
Que quasi inspira tal asco,
Como se fôra o carrasco,
Sem ter o officio cruel;
Pois o que faz, por officio,
É salutar sacrificio
Do christão á lei fiel.

Mas o seu lidar com mortos,
Que contrasta a natureza,
Suppõe-lhe certa dureza
Repulsiva da affeição;
Porque, embora por má sorte,
Dizem: «*faz vida da morte*,
«*Só de defunctos faz pão.*»

Quando se avista, ou se encontra,
Nunca se fica indiff'rente;
Logo vem subito á mente
Coisas tristes, muita vez;
Ou d'algum morto a saudade,
Ou mesmo a crua verdade
Da nossa cova talvez!

É este homem o Coveiro,
Homem de negro mysterio,
Rei fatal do Cemiterio,
De marmoreo coração;
Rei, que, em seus mudos Estados,
Não quer mais que os seus finados,
Não quer vivo, mesmo um cão!

E, vendo o cão d'Angelina
Sempre da cova no meio,
A taes extremos alheio,
Quiz expulsal-o sem dó...
Mas, contra seu frio intento,
Do cão vence o sentimento,
Vencido da morte só!...

VI

Quando o corpo ensanguentado
D'Angelina inda jazia
No chão, quasi ao fim do dia,
E os aldeãos ao redor;
Uns o caso commentando,
Outros, de quando em quando,
Fazendo gestos de dôr;

De longe vindo, alli chega
O bom Parocho da Aldeia,
Rompe o povo, que rodeia
Da morte o quadro infeliz...
Ao pranto, á dôr, não se exime...
E, receiando algum crime,
—«*Que foi isto?* Ancioso diz.

—«*Um touro dos que a Lisboa*
«*Vão agora, tresmalhado*...
—«*Basta*, exclama n'um brado
De profunda indignação.
«*Basta, intendo!*... E, mais de espaço,
Alçada a fronte e o braço,
Diz severo: «Maldição!

«Maldito o povo, que segue
«Os pagãos em seus costumes,
«Hoje, quando os aureos lumes
«Já lhe fulgiram da Cruz!
«Se nas trevas fosse a culpa,
«Inda teria desculpa;
«Mas agora?! N'esta luz?!

«Ó diversão de selvagens!
«Ó vis circenses gentios!
«Que, em descrentes desvarios,
«As vidas tomais nas mãos,
«E brincaes, alegremente,
«Com vidas de pobre gente,
«Almas, vidas de Christãos!

«Bem diz Frei Luiz de Sousa
«Que, n'este divertimento,
«Muitas vezes, n'um momento,
«O que póde ver qualquer:
«São corpos ao ceo voando,
«E ao inferno execrando
«As almas d'elles descer!

«E crê-se civilisado
«Este rude povo inculto,
«Que inda agora presta culto
«A tão barbaro folgar!
«Diz que, em nossa sabia edade,
«Menos p'rigo e crueldade
«Se vê já n'esse logar!

«*Dizendo* menos, *confessas*
«*Que inda se corre algum p'rigo;*
«*Pois, então, ó povo, eu digo:*
«*Quem direitos te deu taes*
«*Que arrisques vidas humanas,*
«*E, por diversões insanas,*
«*Maltrataes os animaes?!*»

Inflamado em santa colera,
Proseguia o Padre, quando
Em Damião reparando,
Julga vêl-o respirar...
Curva-se... agua pede á pressa...
Toma nas mãos a cabeça...
E manda ter livre o ar...

Affasta-se a gente á roda,
E, ajoelhado no caminho,
O bom Padre, com carinho.
Trata o tio Damião;
Ergue-se este... em alaridos...
Se tinha achado os sentidos,
Tinha perdido a razão!...

Da quasi morte desperta
Louco, louco inteiramente!...
Quiz talvez o ceo, clemente,
Por lhe tirar o amargor
De lhe ter deixado a vida,
Deixar-lhe a razão perdida,
Sem consciencia da dôr!

Consciencia a faz pungente;
Pois mede a extensão da chaga!
Até luz de esp'rança apaga
Com previsão augural;
Ou, com instinctos damninhos,
Um a um conta os espinhos,
E os aguça ao proprio mal!

É grande a dôr, que enlouquece,
Crua, acerba, penetrante,
Mas é golpe d'um instante,
Não fica a sangrar... sangrar...
Não é ter ferida aberta,
Onde a dor se desaperta,
Como em praia onda do mar!

Mas, leitor, não imagines
Que me empenho em minorar-te,
Com razoados ou arte,
Esta pena, que te doe;
Oh! Longe d'isso! Nem hade
Ser menos tua piedade
A favor do meu heroe.

Quiz só, confesso, ignorando
Se toda a attenção tu deste
Ao beneficio celeste
De lhe tirar a razão;
Quiz encar'cer-te a clemencia
Da perennal Providencia,
Velando por Damião.

Matando a filha, matou-o,
Mas sem lhe tirar a vida;
Era existencia esquecida
N'um corpo, que em trevas jaz;
Uma creança innocente,
Sem saber nunca o que sente,
Sem saber nunca o que faz.

E como não tem memoria,
(Ás vezes, fardo pezado)
Não sabe que é desgraçado,
Nem do fel todo o amargor;
Não tem, da razão na ausencia,
Nem do prazer consciencia,
Nem consciencia da dôr!

VII

Foi de então que andava errante,
Sem mais procurar trabalho,
Esquecida a enxada, o malho,
Té o comer muita vez;
De fitas arreadinho,
Mas todo o fato rotinho,
E quasi sempre do envez.

Nunca mais fallou na filha,
Nunca mais o seu retrato,
Que tinha posto em recato,
Nunca mais o viu sequer;
O viver com creancinhas,
Flores ter, ver andorinhas,
Era todo o seu viver.

D'este seu gosto das flores
Vem, talvez, que a Aldeia o veja
Ir d'ellas, na Paschoa, á egreja,
Um açafate levar;
Co'as creanças mais amigas,
Pref'ridas as raparigas,
Pref'ridas sempre em seu lar.

Mas creanças, todas ellas,
Lhe andam sempre nas pegadas,
Por lhes ter sempre guardadas
Nozes, passas, avelãs,
Remexem-lhe em casa tudo,
E elle sereno e mudo,
Sorrindo, esconde-lhe as cãs.

N'uma Paschoa, conspirando,
As meninas, em segredo,
N'esse Domingo, mais cedo,
Resolvem, por affeição,
Junto á cama, em quanto dorme,
De flores um cesto enorme
Pôr ao Tio Damião.

Mais resolvem, d'amorosas,
Por ser o melhor ornato,
O esquecido retrato,
A c'roar o cesto, pôr;
Concertado plano e horas
Entre estas conspiradoras,
Diz uma: «*chefe*, o *Prior*...

Approvado.—E partem juntas,
Zumbindo como um enxame,
Sem ouvir ninguem que as chame,
Sem lhes prender a attenção
Mais que do velho a surpreza,
E o Prior ser n'esta empreza
Arvorado em capitão.

E cuchicham; riem; pulam;
Batem palmas, de contentes;
Dizem coisas entre dentes,
Intendidas d'ellas só;
Algumas, porque da peça
Certo ponto não esqueça,
Nos lencinhos davam nó.

D'entre ellas, as mais pequenas,
Que ares tomam de importancia!
Cuidando que a circumstancia
De entrar na conspiração
Lhes trouxe a razão mais cedo,
Visto que um grande segredo
Tem já fechado na mão.

Mas como, ás vezes, succede,
Inda a velhos Catilinas,
Precisavam as meninas
Reunir segunda vez.
Havia pontos escuros,
Alvitres pouco seguros,
Ou embaraços talvez.

Reuniu-se o *club* agora
Junto a um velho pardieiro...
Se as visse Pinto Ribeiro
N'esse instante a conspirar!...
Na bocca o dedinho posto,
Á roda, com grave rosto,
Lançando furtivo olhar!...

Diria, talvez, que nunca
Nenhum dos seus conjurados,
Nos dias mais arriscados,
Teve cautela maior!
Mas, se, passado um momento,
Leva cautelas o vento...
Isso então é que é peior!

Qual c'rapuça! Prometteram,
Sisudas, não dizer nada...
Mas historia mais fallada
Nunca houve entre aldeãos;
Só foram tantos rumores
Para a victima das flores
Sempre ignorados e vãos.

Nem é singular o caso,
Em coisas de maior fundo;
Isto é frequente no mundo,
Nos enganos, que elle tem;
Arma-se negra cabala,
Toda a gente n'ella falla,
Mas á victima ninguem!...

As meninas conjuradas
Não tinham mais pensamento,
Que ver chegado o momento
D'esta obra levar ao fim;
E figuravam revezes,
E scismavam muitas vezes
Do Prior no incerto sim.

Outras vezes, jubilosas,
Da empreza ponto por ponto,
E de quanto já tem prompto,
Saboreando o prazer,
Mais gosavam no ante-gosto
Do que hão de gosar no gosto,
Que é mais promessa que ser.

Já tinham cravos, pedidos
Dos vasos de toda a Aldeia,
Que na vesp'ra, antes de ceia,
Os haviam de ir buscar;
E, nas veigas mais visinhas,
Tinham d'olho mil florinhas
Com já marcado logar.

• •

D'uma serra mais distante
Contavam com rosmaninho,
E das hortas do moinho
Muita alfazema virá,
Alecrim, goivos, saudades,
E outras mais qualidades,
Que o velho nunca viu cá.

Promettera o grande cesto
Um lavrador; e bem feito,
Novinho, mesmo de geito
P'ra conspirada funcção;
E umas damas lisboetas
Farto ramo de violetas,
Da quinta de seu irmão.

Sobre as violetas decidem
Que no cesto, quando cheio,
Seriam pcstas no meio,
Ao retrato, em pedestal.
D'estes intentos e esp'ranças
Se iam nutrindo as creanças
Té á alvorada paschal.

VIII

Chega, em fim, sabbado santo;
Ao sol posto, as conjuradas,
Como estavam combinadas,
Vão procurar o Prior.
De roldão entram-lhe em casa,
Todas tendo o peito em braza,
Nas faces lindo rubor.

Mais lindo desatavio
Ia lá n'essa morada!
Era a pobręza aceiada,
Como a um Padre só convém;
Da humildade era o ar nobre;
Aceio, luxo do pobre,
Que reflecte a alma tambem.

Poucas, singelas cadeiras;
Duas mezas com estantes;
N'estas livros abundantes,
Que mostram uso das mãos;
Um Cruxifico no centro,
Que não deixa, que alli dentro
Entrem pensamentos vãos.

Do tecto pende a gaiola
C'um amarello canario;
O Prior, no Breviario,
Devotamente a resar;
Ao lado uma alcovasinha,
E lá a estreita caminha
Modestamente a alvejar.

Mais dentro, para outro lado,
Era alli a fazer meia,
Cuidando da frugal ceia,
Boa velha; e dá prazer
Vêl-a tão limpa e lavada,
E, leve, acudir á escada,
Se algum pobre vem bater.

Porque sabe que seu amo
Não tem hospedes melhores,
Que pobres ou peccadores,
Vindo á esmola ou confissão;
A todos elle conforta,
Nenhum vae da sua porta,
Sem levar consolação.

Nada é seu do que ha em casa;
Fato, pão, e raros cobres,
É tudo, tudo dos pobres,
E tudo a todos elle é;
Que da vida, em quaesquer dôres,
Ou da morte nos horrores,
É amor, esp'rança, e fé.

E sempre, sem ter descanço,
Dia e noite, a toda a hora,
Quem lhe os soccorros implora,
Sem ver o tempo que faz,
Ah! sempre o encontra prestante,
Co'a bondade no semblante,
Na bocca, sorriso e paz.

Agora, se m'o permittes,
Quizera, leitor amigo,
Que tu viesses commigo
Aos philosophos atheus
Perguntar: quando tivestes,
Entre os vossos, homens d'estes,
Como por cá nos dá Deus?

Dizei, crentes d'outras crenças,
Se, n'esta amorosa chama,
N'este fogo, que a alma inflama,
Que dá força, alento e luz,
Tendes lá feliz pobreza,
Renegando a natureza,
A beijar a propria cruz;

Se lá tendes quem, alegre,
Bemdizendo cruas dôres,
Por vêl-as mudar em flôres
N'outra vida, que será,
Ande, ao mal dos outros preso;
E seja sempre desprezo
Do que elle padece cá?

É que esta crença divina,
Que as paixões vence e desterra,
Em contradicção da terra,
D'um supplicio nasceo;
E, por voz de rudes labios,
Confundiu todos os sabios
Com a sciencia do ceo!

E bemdisse os que choravam;
E bemdisse os opprimidos;
Deu leis puras aos sentidos,
Contra os costumes pagãos;
E exaltando a humildade,
Fez, ao sol da liberdade,
Os homens todos irmãos.

Por isso, este velho Padre,
Deixando razões pospostas,
Andava de Cruz ás costas,
Por frio, chuva, ou calor,
Levando a todos conforto,
A todos guiando ao porto
D'esta crença, toda amor.

Porque é Ministro d'Aquelle,
Cuja imagem tem presente,
Dizendo da Cruz pendente:
«Dá amor, como Eu t'o dei;
«Lembre-te o eterno registro;
«Lembra-te que és meu Ministro;
«Dá amor, que é toda a lei.

Era elle a rezar Matinas,
Ao entrar da creançada,
Mas tinha quasi acabada
Esta reza; ia no fim;
E, como pouco lhe resta,
Ergueu oculos á testa,
Murmurando inda latim;

Co'a mão fez signal de esp'rarem;
Benzeu-se pausadamente;
Bateu na caixa contente;
Abriu-a; os dedos encheo;
E sorveu grossa pitada,
Que o levou, na assobiada,
Até ao setimo ceo.

Depois, disse: «*Agora, filhas,*
«*Me direis ao que viestes;*
«*Que grandes casos são estes*
«*Que vos trazem todas cá?*
«*Chegai-vos... olha a Theodora...*
«*Está quasi uma senhora...*
«*Vamos, vamos, dizei lá...*»

Esta, tosse; outra, olha as unhas;
Aquella, coça a cabeça;
Afinal, uma começa:
«*Pois, sim, senhor, vimos nós...*
Mas logo os olhos espanta,
E, não sei como, á garganta
Ficou-lhe pegada a voz.

Tem-se visto eguaes desastres,
Mesmo em casos d'outra casta,
Discursos, que nem a Pasta
Lhes desata os vôos seus.
Nem quem quer discursos lavra,
Isto de dom da palavra,
É sómente dom de Deus.

IX

Passando este encalhe, logo
Desatam a fallar juntas,
E a fazer mil perguntas,
Sem nunca resposta esp'rar;
O Prior, que ideia vaga
Já tinha, a todas affaga,
E deixa-as fallar, fallar...

Depois, quando clara ideia
Pôde fazer da cilada,
Deu-lhe uma grande risada,
E disse: «*Pois seja assim;*
«*No Domingo, ao dar seis horas,*
«*Quero que as conspiradoras*
«*Estejam ao pé de mim.*»

Ó leitor, que horas são essas,
Em que o prazer, por mau fado,
Traz o relogio atrazado,
E moroso o tempo vem!
Sem nós pensarmos que, quando
Se vão taes horas passando,
As nossas passam tambem!

Já no relogio da Egreja
Dão as cinco... cinco e meia...
E qualquer d'ellas receia
De tardía chegar lá...
Vestidas vão com taes pressas,
Que muitas saias ás vessas
A gente depois verá.

Marcha a tropa; Deus lhe assista,
Que as aldeãs creancinhas
Vão todas innocentinhas
N'esta amorosa tenção.
A chusma, atraz, susurrante,
E o Prior, vae adiante,
Qual valente capitão.

Aborda este, emfim, a entrada
Entre os murmurios, de roda,
Da agitada turba toda,
A quem diz: «*D'aqui se vê...*
«*Nem pio na hora do p'rigo...*
«*Venham algumas comigo,*
«*Mas tudo pé ante pé...*»

Na pobre enxerga roncava
O velho então, descuidado,
Sem sonhar que alli, ao lado,
A innocencia lhe foi pôr,
Por dar-lhe amor entre amores,
C'roando um cesto de flôres,
A mais suspirada flôr.

Tudo disposto deixaram,
Mas ficam fóra offegantes,
Contando os longos instantes
Té que dê signal de si...
Esta ao largo, a medo, espreita...
Outra, afoita, vae direita...
E volta, fungando, e ri...

Mas das outras animada
Mais avança... *entro, não entro*...
Entrou por fim... chegou dentro...
Eis ouve um ronco maior!...
Qual de bomba grande estouro,
Qual o mugido d'um touro,
Ou outra coisa peior.

Pára a creança com susto...
Descóra... desanda uns passos...
Descaem-lhe ambos os braços...
Em ancias o coração...
Até que foge chorando...
—«*Ai! Que foi? Que foi?*—«*Foi, quando*»
«*Cheguei perto, fez papão!*»

O Prior, sisudo e grave,
Ficara alli passeiando;
Pitada, de quando em quando;
Co'a bengala corta o ar;
A quem passa dá bons dias;
Ou reza as Ave-Marias,
Que, em breve, se ouviram dar.

E este Padre encanecido
Não era, entre a moça gente,
O menos impaciente,
Senão antes mais, talvez;
Porque, ao fim de cada volta,
D'uma vez, perguntas solta,
Ou espreita, d'outra vez.

Afinal, porém, recurva
Na bengala o corpo a meio,
Acena, acena, e diz—«*creio*
«*Que erguer-se o homem vae já*...
«*Mas não, não; como* de adrede,
«*Sentou-se*... *falla á parede*...
«*Se elle o cesto não verá?!*...»

Como n'um painel d'alminhas,
Dos que havia nas estradas,
Se viam amontoadas
Por atrevido pincel
De rubras tintas espessas,
Afogueadas cabeças,
Ao redor de São Miguel;

Taes as creanças co'as faces
Accesas em vivas rosas,
Anhelantes, curiosas,
E outras, perdida a côr,
(Por aquelle opposto effeito
Do que vae dentro do peito)
A rodear o Prior.

Voltavam, d'olhos á rua,
Já todos, com certo enfado,
Quando, dentro, afflicto brado
E o som d'um corpo no chão
Logo lhes fere o ouvido...
Entra tudo espavorido...
Receiando o que acharão...

Se o pobre velho mataram!?...
Inerte, meio vestido,
Ao pé da enxerga estendido,
E com pallidez mortal...
Era este o dorido estado
Em que o velho fôra achado,
Sem dar de vida signal!...

C'uma das mãos, sobre o peito,
Que mal cobre o roto fato,
Da filha aperta o retrato,
Que lhe pozeram, por bem;
Co'a outra, a fronte deserta
Inda parece que aperta,
Que comprimida inda tem!

Ao vêl-o, o Prior se accusa
Da sua condescencia,
«*Não devia esta imprudencia*...
«*Tonteando a bel-prazer*...
«*Não devia!... Que desgosto!...*»
Dizia, e vinham-lhe ao rosto
Grossas lagrimas correr.

«*Ao menos*, torna o bom Padre,
«*Aqui houve intenção boa,*
«*E Deus premeia ou perdoa,*
«*Attendendo ás intenções.*
«*Ah! Todos n'isto aprendamos,*
«*Que, mesmo nos floreos ramos*
«*Se occultam crueis farpões!*»

Pelo chão era entornado
O cesto das lindas flores;
Esp'ranças foram, são dôres
A quem agora as vê lá!
E como as roxas violetas
Parecem agora pretas
De lucto vestidas já!

X

Qual tenue fumo desfeito
Ao sopro de rijo vento,
Ou qual negro pensamento
Em alma d'honesto alvor,
Assim nos passam esp'ranças,
E as mais seguras bonanças,
E os viços de terrea flor!

Se á região d'além-nuvens
Remontam as nossas almas,
Só d'alli mer'cidas palmas
Não são esp'radas em vão;
Só é lá sem noite o dia,
E sem sombras a alegria,
E os viços eternos são!

Cuidando o Prior comsigo
N'estes bons e sãos conselhos,
Atirou-se de joelhos
Com rapidez singular...
O espanto das creancinhas
Quebra; e diz-lhes: «*Filhas minhas,*
«*Vamos por elle rezar.*»

Todas em torno ajoelham,
E a oração que consola,
Por costumadas na escola,
Em harmonias lhes sahe...
E taes sons do canto lindo
Co'a oração vão subindo
Aos pés do celeste Pae.

Que espectaculo sublime!
O cantar doce e sonoro
D'estes anjinhos, em côro,
Levando a oração aos ceos,
E o bom Prior, d'annos cheio,
Ajoelhado, no meio,
Pedindo tambem a Deus!

Era qual pae, entre filhos,
Por filho ausente resando,
Resam, resam, senão quando
Eis que o ausente volta então!...
Abre os olhos... dá gemidos...
Cobra de novo os sentidos
O chorado Damião.

Quando entrou o Prior, crera
Inutil todo o conforto,
Por julgar de todo morto
O pobre velho, esta vez;
Par'ceu-lhe mais fundo o corte,
Mais segura a mão da morte,
Mais sepulchral pallidez.

E tambem como turbado
A mente pela imprudencia,
Que lhe roe na consciencia,
Talvez menos attendeu;
O que é certo é que, em tal magua,
Com os olhos razos d'agua,
Já se voltou para o ceo.

Cobrara o louco os sentidos,
E, o que a todos põe espanto,
É que ajoelha, e o canto,
Que resavam ao redor,
Recomeça, e diz: «*meninas*
«*Graças ás graças divinas;*
«*Resemos, senhor Prior.*»

E resaram, dando graças,
Porque o retrato da filha,
Fêz, por Deus, a maravilha,
Entre a entoada oração,
De voltar-lhe a razão ida!
Co'a filha, a razão perdida,
Co'a imagem, volta a razão!

Ó pura intenção, que força
Tens sempre de Deus aos olhos!
Por ti faz brotar d'abrolhos
Virente, formosa flor!
Aos affectos da innocencia,
E á innocente imprudencia,
Em risos transforma a dôr!

E risos tudo era agora;
Davam saltos as creanças;
E vivas; e armavam danças;
E quantos festejos seus
Lhes lembram, por alegria;
E o bom Prior só dizia:
«Oh! Bemdito seja Deus!»

Emquanto o caso festeja
O infantil festivo bando,
Ao Padre o velho é contando,
Como, nas trevas a flux,
Em que lhe a alma anoitecera,
Vivo sol de primavera,
Da razão lhe veio a luz!

«*Senti*, disse elle, um *estallo*
«*Ou coisa, que tal pareça,*
«*Na minha pobre cabeça,*
«*E logo um escuro veo*
«*Rasgado, com dôr se inflama,*
«*E me inunda a vista a chama*
«*D'um relampago do ceo.*

«*Tinha, emfim, surgido o riso,*
«*De entre este dorido estado;*
«*Tinha-me eu proprio achado;*
«*Tinha achado o antigo ser;*
«*Um anjo d'alva roupagem,*
«*Da minha filha na imagem,*
«*Lhe fez alli reviver.*

«Sou outro já, porque o mesmo
«Hoje sou, que fui outr'ora;
«Não moço, mas velho agora,
«Que sessenta annos lá vão;
«Não farei já de menina,
«Nem mais verei Angelina
«Fóra da eterna mansão.

«Mas bem hajam as creanças,
«Meus innocentes amores;
«Bem haja quem entre flores
«Este retrato foi pôr!
«Ai! Deu-me a razão, a vida,
«Deu-me esta Paschoa florida,
«Qne eu pago em bençãos d'amor!»

E compõe, de novo, o cesto;
Mette as violetas no peito;
E, curvado com respeito,
Ao Prior beijou a mão.
Este diz-lhe: «*Agora, seja*
«*O caso completo: á Egreja*
«*Vamos co'as flores...*»—Lá vão...

Vão todos—Prior, na frente,
Damião, logo seguindo,
Cercado do bando lindo
Das creanças, a cantar;
Lá foram, prestito novo,
No meio de muito povo,
Levar a offrenda ao altar!

XI

N'esse dia alegre, a Paschoa,
Pastor, que d'isso se presa,
Poz comsigo o pobre á mesa
Com os Padres da funcção;
E, em tão novo paraizo,
Deu provas do achado siso
O bom Tio Damião.

Tinha o Padre arroz de forno,
E n'elle enterrado um pato;
Mas, como o velho tal prato
Não tinha visto jámais,
Julgou-se a sonhar de dia,
E, só de vêl-o, lambia
Os seus beiços virginaes.

Porém o seu maior gosto,
Mais d'afagar-lhe a guela,
Mais que pato e cabidela,
Advinha, se és capaz,
Leitor!... Era o ter franco
Na parca mesa o pão branco,
Em que mais se satisfaz.

E Damião, que era ufano
No meio de taes blandicias,
Fez do convivio as delicias
Em modesto, alegre tom;
A tudo, a todos é grato,
Mas diz que a obra do retrato
Foi só do Prior, que é bom.

Na Aldeia logo sabida
Com diff'rentes pormenores
Toda esta historia das flores,
Deu que fallar mais d'um mez;
E, por boccas de visinhas,
Mais vistosa e enfeitadinha
Era sempre, cada vez.

Esta só lhe accrescentava,
Que, n'aquelle desconforto,
O triste ficou bem morto;
Qual rato com rosalgar;
Valeu da tia Honorata
Um *sino saimão* de prata,
Com que o foi ressuscitar.

Aquella diz: «*que as creanças*
«*Tanto puxaram por elle,*
«*Que até pedaços de pelle*
«*Nas unhas lhes vinham já;*
«*E lá, quanto ao que ha na bola,*
«*Era tola, ficou tola,*
«*E quem viver o verá...*

«*E dizem mais* (pespontava
Uma terceira): «*Anjo bento!*
«*Ai! Já este pensamento*
«*Me põe o cabello em pé...*
«*Dizem... fique isto calado...*
«*Que o Prior... mão de finado*
«*Lhe chegou a arder!...*» Já é!

E, qual d'ellas mais piedosa,
Estas senhoras visinhas
Espevitavam linguinhas,
Do seu proximo por dó.
Por fim, diz uma: «*Comadre,*
«*Eu digo que, n'isto, o Padre*
«*A verdade sabe só!...*

Ao entrar, á tarde, em casa,
O Tio Damião, coitado,
Triste, viu o triste estado
De tudo d'ella, e de si...
E, levando a mão á testa,
Diz comsigo: «*Mais não resta*
«*De quando o siso perdi!*»

Depois, com nobre ardimento,
Sendo a Paschoa já passada,
Vae buscar a antiga enxada,
Beijou-a e disse-lhe: «*Vem,*
«*Fiel socia, vem comigo,*
«*Que Deus, dando-te em castigo,*
«*Inda, então, foi pae tambem.*

«*Sempre em ti achei thesouro,*
«*Pequeno, porém seguro;*
«*E melhor, porque era puro*
«*De remorsos; e o suor,*
«*Com que a lida, a baga a baga,*
«*As nossas frontes alaga,*
«*Dá-nos pão, paz e vigor.*»

Vinha n'essa hora rompendo
O sol por cima do monte,
Que fecha além o horisonte,
Em cristalina manhã,
Tingindo de varias côres
Monte, campo e tenras flôres,
N'uma alcatifa louçã.

E as avesinhas, contentes,
Par'cendo dizer «eu amo»
Andavam de ramo em ramo
Com outras a chilrear;
Por toda a extensão da veiga,
Da natureza a voz meiga
Enchia as terras e o ar.

Agora, entre enxadas d'outros,
D'um outeiro na quebrada,
Se via tambem a enxada
Ir e vir de Damião;
Não brilha co'as mais na lida,
Da ferrugem denegrida,
Por lhe ter faltado a mão.

Hoje, ao trabalho voltando,
É outra vez este velho
Dos velhos flor, e o espelho,
Assiduo trabalhador;
Outra vez na Aldeia exemplo,
E certo sempre no Templo,
Cumprindo a lei do Senhor.

É outra vez, como fôra
O mesmo, a mesma bondade;
Mas dulcissima saudade
De tristeza singular,
No rosto, em sombras da mente;
E não vê nunca indifferente
Uma andorinha a voar.

XII

Tão ledo o Prior ficara
Com esta subita cura,
Que assim poz fim á loucura
Do bom Tio Damião,
Tendo a obra da innocencia,
Inda apesar da imprudencia,
Ventura pela intenção;

. .

Que resolveu cantar missa,
Por festa d'acção de graças
A Deus, que faz nas desgraças
Florir o bem, quando quer;
E prometteu dar, da estola,
Aos pobres maior esmola
Sua mão, sempre esmoler.

Á missa cantada, corre
O povo todo da Aldeia;
Era a Egreja cheia, cheia,
Que já não podia mais;
Enchem-na mais que a outra gente
Damião, todo contente,
E as creanças festivaes.

Mas estas, sempre travessas,
Levaram, escondidinha,
Cada qual sua andorinha
Debaixo dos lenços seus;
E, sem que ninguem as veja,
Soltam-nas todas na Egreja,
Mesmo ao levantar a Deus!...

Viu-as o velho... sorriu-se,
Mas tremeu-lhe n'uma ruga
Grossa lagrima... que enxuga
Um pensamento christão,
Porque ajoelha, de novo,
Depois, sahe por entre o povo,
Á pressa, o bom Damião.

E as creanças, pelas ruas
Iam cantando a cantiga,
Que, diziam, voz amiga
Lhes ensinara: o Prior,
Que, em tudo, tudo que ensina,
Ensina a eterna doutrina
Da fé, da esp'rança ou do amor!

«Pobre velho! Feliz velho!
«Um dia, bella andorinha
«Levou-lhe a sua filhinha,
«Co'a razão, que Deus lhe deu;
«Mas a Deus sempre louvores,
«Que a razão mandou-lh'a em flores,
«Guardou-lhe a filha no ceo.

«Pobre velho! Feliz velho!
«Com sua filha perdida,
«E louco! Que triste vida!
«Mas Deus a tudo proveu.
«Tornou-lhe a razão e a enxada,
«E, de eterna luz c'roada,
«A filha espera-o no ceo.

«Pobre velho! Feliz velho!
«Se a andorinha te levara
«Co'a razão a vida cara,
«O Deus, que t'as concedeu,
«Torna a dar-te a maravilha
«Da razão; e põe-te a filha
«A orar por ti no ceo.

«Pobre velho! Feliz velho!
«Bella andorinha, que foge,
«Levou-te a filha; mas hoje
«Bemdiz ella o vôo seu,
«Porque da tua filhinha,
«Que ao ceo levou a andorinha,
«Fez Deus um anjo do ceo!»

NOTAS

NOTAS

Nota A—pag. 15

D'uma Aldeia de Saloios

Quando D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros, deixou-os, por não despovoar a terra, na posse de suas casas e bens, nos logares adjacentes á cidade. A estes mouros é que se deu o nome de *Calogos* ou *Saloios*, derivado de uma resa, que faziam cinco vezes no dia chamada *Cala*.

Ainda depois de já todos aquelles logares estarem cheios de christãos, ficou subsistindo o nome até aos nossos dias.

Se a palavra *Aldeia* destoar aos meus amigos Lisboetas, por cuidarem que lhes belisco a prosapia da Côrte, pondo uma Aldeia, nos arrabaldes d'ella, aqui me desculpo com duas razões: *primeira*, visto que a palavra vem do arabe, significando *povoação, logar pequeno de poucos visinhos*, não sei que privilegio sobre a Provincia tem Lisboa, para se lhe não chamarem *Aldeias* ás *povoações, logares pequenos de poucos visinhos*, que lá se estendem pelos seus contornos; *segunda*, fez-me conta a palavra e seus derivados, ao correr da penna; e usei d'ella, sem estar com muitas ceremonias, como legitimo provinciano que sou.

Nota B—pag. 34

Em Lisboa, por creada,
E foi sisando a soldada

Os que têm tido creadas saloias sabem como estas pobres raparigas são, no fim de cada mez, espremidas sempre pelas respectivas familias, vendo-se, portanto, aquellas obrigadas a *sisar* a propria soldada, para acudir a alguma coisa mais necessaria, e mais desnecessaria tambem.

Nota C—pag. 55

Lambendo-lhe, a baga e baga
O pranto, que nas mãos cae.

Não é de pura invenção minha esta demonstração affectuosa do cão d'Angelina. Tirei-a das memorias da minha infancia, que é uma parte d'aquelle thesouro d'onde Garrett confessa (n'uma nota do seu *Frei Luiz de Sousa)* que tirava tudo o que em seus escriptos litterarios fôra mais applaudido.

Contava-se em minha casa, que, sendo eu creança, um cão, muito meu affeiçoado, me fizera o mesmo em egual circumstancia.

Nota D—pag. 50

Não é este *o cão do Louvre*,

São conhecidos os versos de Casimiro *Delavigne* intitulados: *O cão do Louvre*, que é um bello trecho lyrico, no qual creio, porém, que a sensibilidade do auctor foi mais excitada pelo *espirito de partido* do que pelo fiel affecto do cão celebrado por elle.

Nota E—pag. 59

Nem d'essa infeliz Rainha,
....
É este o cão,

Tambem d'este é sabido o caso de ter ficado seguindo sempre o mortifero carro, que conduzia a boa *Maria Antonieta* ao cadafalso. Mas a memoria d'elle é que não teve egual ventura á do *cão do Louvre*. Faltou-lhe um poeta legitimista a commemorar-lhe a dedicação.

Nota F—pag. 68

Diz que em nossa sabia edade
Menos p'rigo e crueldade
Se vê já n'esse logar.

Quem se atreverá a duvidar da sabedoria e adiantamento da nossa edade, em tudo, tendo os ouvidos aturdidos com esse pregão, que ella de si deita todos os dias? Só algum Parocho d'Aldeia! Entretanto, se a tal nossa edade me dá licença, e mesmo sem ella, eu, em muitas coisas, tambem tenho egual atrevimento.

Ninguem nega, de certo, o progresso e aperfeiçoamento natural, nem se faz accintemente o *laudator temporis acti* de Horacio.

Em que se faz reparo é na basofia que hoje arrota o nosso tempo, pensando que tudo do passado emendou e aperfeiçoou; quando, em muitos casos, só fez como o boticario de Bocage. Poz torta para um lado a perna, que já estava torta para o outro. Ou reduziu apenas a questão *a mais ou menos*, sem se atrever a resolvel-a de todo. É o que aconteceu com o divertimento dos touros. A sabedoria da nossa edade reduziu-se a fazer com que o perigo, que havia nas touradas de ser um toureador estripado pelas armas d'um touro se limitasse a poder ficar agora só com um braço ou com a cabeça partida, ou com uma pancada no peito que o arruina para toda a vida. Do mesmo modo, a sua sabedoria *protectora dos animaes* ficou, nas touradas, reduzida a que, em vez de se enter-

rar no touro a *espada* até aos copos, se enterram sómente as *farpas*, com applauso dos mesmos, que depois vêem lagrimejar e barafustar contra um carreiro que picou os seus bois com o aguilhão, por uma calçada acima. As *farpas* divertiram-n'os, o aguilhão indignou-os.

Em ambas as circumstancias, porém, do homem, e do animal maltratados, não posso deixar de concordar com o Parocho d'Aldeia, e de perguntar: *com que direito?*

Se a nossa edade não teve direito para arcar *de todo* com o *gosto nacional*, que força é confessar que o é,—cale-se, ao menos, e não blasone de illustrada, olhando por cima do hombro para o passado, como quem lhe diz: «*admira a doçura dos meus costumes*».

Não sou, nunca fui, amador de touradas; e aqui o declaro bem alto, sem me importar que isto desagrade aos amadores,—que provavelmente me não hão de ler.

Nota G—pag. 80

Se as visse Pinto Ribeiro
....
....
....
Diria, talvez, que nunca

Nenhum dos seus conjurados,
Nos dias mais arriscados,
Teve cautela maior!

Cautela!! Se a historia não mente, cautela tiveram bem pouca os conjurados de 1640. Se a *conspiração das flores* foi o caso mais fallado na Aldeia, antes de levado a effeito, a dos illustres portuguezes, que nos quebraram os ferros de Castella, não foi menos sabida em Lisboa antes do dia 1.º de Dezembro d'aquelle anno. Nem era preciso, talvez, grande segredo. N'esta conspiração entrava toda a gente ou toda era interessada no bom exito d'ella, e assim se explica porque triumphou apesar de tão divulgada.

Agora não me levem a mal que eu venha, para uma nota, contradizer o que disse no texto.

Nota H—pag. 97

Tem-se visto eguaes desastres
Mesmo em casos d'outra casta,
Discursos que nem a Pasta
Lhes desata os vôos seus.

Não se quiz fazer aqui allusão determinada a ninguem nem a nenhum facto. Apenas se quiz confirmar com o exemplo do Parlamento (ou Palramento) estes desastres da pala-

vra; porque lá se tem visto, algumas vezes, ficarem discursos estrangulados na garganta, sem lhes valer nem mesmo as influencias da Pasta de Ministro.

Nota I—pag. 104

Até que foge, chorando...
—*«Ai! Que foi? Que foi?»—Foi quando*
«Cheguei perto, fez papão!

Foi copiado do natural este facto. Succedeu isto mesmo a um filho meu de mui tenra idade, indo uma vez tirar bolos a um quarto, onde eu estava dormindo a sesta. Parou, no acto de metter a mão na lata dos bolos, atemorisado pelo resonar, e fugiu chorando, e dizendo que eu estava a fazer *papão.*

Nota J—pag. 122

... Era o ter franco
Na parca mesa o pão branco
Em que mais se satisfaz.

Tambem não é de invenção minha esta forte predilecção do meu heroe pelo *pão branco.*

Contou-me Castilho, o meu sempre saudoso amigo e mestre, que certo saloio de importancia eleitoral, voltando de um d'esses banquetes, onde é costume, no systema que felizmente nos rege, trazer á razão *independencias arredias e sommar os votos conscienciosos dos livres eleitores*, lhe dissera com adoravel ingenuidade: «*Os patetas deitaram-se a* «*perú, pato, empadas, e a outras coisas de que nem sei* «*o nome; eu cá deitei-me ao pão branco... não lhe digo nada!...*»

Nota K—pag. 133

....
Levaram, escondidinha,
Cada qual sua andorinha
....
E, sem que ninguem as veja,
Soltam-n'as todas na Egreja
....

Na quinta feira da Ascenção, é costume, em differentes Egrejas, mesmo em Lisboa, soltarem-se, durante a *Hora*, algumas pequenas aves, principalmente andorinhas, até ornadas com fitas.

D'aqui é que as creanças aldeãs imitaram, provavelmente, na Missa cantada pelo restabelecimento do Tio Da-

mião, o soltarem, ao levantar a Deus, as andorinhas, que tinham levado nos lenços.

Como quer que seja, o que parece certo é que, na Egreja da Aldeia, se repetiu o facto, segundo affirmam os citados versos.